

# A arte do século XX – entre a perspectiva e o detalhe

## por Raquel Henriques da Silva

Rui Sanches, *Madame Récamier*, Segundo David, 1989. Coleção da Caixa Geral de Depósitos  
Fotografia: Laura Castro Caldas/Paulo Cintra



nados das diferentes disciplinas artísticas que permitiam distinguir, com segurança, a pintura, a escultura, o desenho e a ornamentação.

Estas questões serão abordadas, primeiro em perspectiva geral, depois em alguns enfoques e detalhes que, mais do que as narrativas da história da arte, visarão o confronto aberto com a extraordinária diversidade de objectos e situações artísticas.

### 24 de Março

#### Metáforas e citações

- Grandes temas da arte ocidental tratados na longa duração: *Olympia* de Manet antes (desde a escultura romana a Goya) a depois (Robert Morris, and Carolee Schneeman)
- ‘Cenas de Guerra’ entre Goya e Manet.
- Naturezas-mortas e Retratos: a arte como inspiração para a arte.

«Um prazer partilhado por artistas, colecionadores e historiadores é a descoberta de que uma velha e interessante obra de arte não constitui peça única, mas que o seu tipo existe numa variedade de exemplos anteriores e posteriores a essa obra, ocupando posições elevadas ou inferiores numa escala de qualidade, em versões que são antetipos e derivados, originais e cópias, transformações e variantes.» Georges Kubler, *A forma do Tempo. Observações sobre a história dos objectos*. Lisboa, Vega, 2004: 67 (4ª edição), (1ª ed. americana: 1962).

Raquel Henriques da Silva é professora de História da Arte e Museologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi directora do Museu do Chiado – Museu Nacional de Arte Contemporânea (1993-97) e do Instituto Português de Museus (1997-2002).

### 10 de Março

#### Grandes rupturas (1900-1920)

### 17 de Março

#### Alargamentos territoriais (1960-70)

### 24 de Março

#### Metáforas e citações

### 31 de Março

#### Obras-primas da Coleção da Caixa Geral de Depósitos

*Existe, na arte do nosso século, mais do que na dos antecedentes, alguns momentos decisivos. Sob este aspecto, o nosso século tem afinidades com o século XV. Assim, em certos momentos, objectos extraordinários marcaram pontos decisivos, ‘pontos de não retorno’. Houve momentos em que as perguntas foram formuladas e as respostas dadas. Quando estas questões são colocadas de um modo claro, não é possível voltar para*

*trás. As respostas são ‘incontornáveis’, não é possível torneá-las. Os resultados são irreversíveis.*

Pontus Hulten, *Territorium Artis* (cat. de exposição), Bonn, Verlag, 1992.

A epígrafe que escolhi para apresentação de uma série de quatro conferências dedicadas à arte contemporânea (que, no início do século XXI, restrinjo, prudentemente, ao século XX) salienta o seu traço distintivo: acelerando acontecimentos que se avolumaram ao longo do século XIX, os artistas iniciaram, por volta de 1900, uma ruptura irreversível em relação às heranças recebidas do passado. Contestaram o valor da aprendizagem (muitos dos mais famosos raramente frequentaram as Escolas de Belas-Artes) ou seja, os exercícios de cópia e os seus procedimentos técnicos, os conceitos de belo e de conveniência, as expectativas dos encomendares e do gosto comum e, muito rapidamente, os campos determi-

QUINTAS-FEIRAS 10, 17, 24, 31 DE MARÇO DE 2011 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

**Culturgest**